

## A FENOMENOLOGIA COMO REFERÊNCIA DE ANÁLISE ESPACIAL: A EXPERIÊNCIA DA OCUPAÇÃO 9 DE JULHO

Maria Victória Fiedler Buerger (IC) e Lizete Maria Rubano (Orientador)

**Apoio: PIVIC Mackenzie**

### RESUMO

A presente pesquisa tem como finalidade aproximar-se da Ocupação 9 de Julho a fim de perceber melhor suas dinâmicas e, a partir daí, aprender com esse morar em que floresce a vida de afetos, encantos e descobertas: A construção do desejado além de necessário. Ademais, levantar hipótese de um retorno de zelo pelas dimensões metafísicas do lar no ato de projetar, tendo como instrumento a abordagem fenomenológica. Para isso, é primeiramente introduzida a fenomenologia – filosofia que coloca o sujeito como centro, como fonte absoluta da experiência – que será a referência de análise do objeto de estudo. Em seguida, com o intuito de realizar uma aproximação da Ocupação 9 de Julho, apresenta-se uma triagem de depoimentos gravados, atinentes à relação do sujeito com o espaço, visto que, frente à pandemia de Covid-19, nenhum dos envolvidos poderia ser posto em risco. As impressões transmitidas através das falas selecionadas são relacionadas com a filosofia adotada nesta pesquisa, através de quatro categorias de análise traçadas; por conseguinte, tem-se a confirmação de uma série de aspectos levantados pela fenomenologia como essenciais para o âmbito doméstico com a finalidade de atingir a sensação de intimidade protegida. Conclui-se, aqui, que projetar espaços construídos significa projetar o invólucro da vida: O ser humano é o que dá sentido à arquitetura. Portanto faz-se imprescindível projetar com a consciência de que o espaço se desenvolverá também de dentro para fora num trabalho conjunto de projetista e habitante, sob o intuito de se construir, verdadeiramente, um lar digno e particular.

**Palavras-chave:** Arquitetura; Fenomenologia; Ocupação 9 de Julho.

### ABSTRACT

This research has as its goal the approach Nove de Julio's occupation in order to better perceive its dynamics and then learn with this way of living in which blooms within a life full of affection, enchantment, and discovery: the construction of what's desired beyond the necessary. Moreover, raise a hypothesis of a return of zeal by the metaphysical dimensions of a home in the act of projecting, having as an instrument the phenomenological approach. For this, first is introduced the phenomenology concept: a philosophy that puts the subject as the center, an absolute source of experience - which will be the analysis reference from the study object. Next, in order to perform an approach with 9 de Julho occupation, a screening of recorded depositions was made, attentive to the subject's relation to the space, since facing

the Covid-19 pandemics, none of them involved could be put at risk. The impressions transmitted through the selected speeches are associated with the adopted philosophy through four traced category analyses, therefore, there is the confirmation of a series of aspects raised by phenomenology as essentials to the domestic scope; to reach the sensation of a protected intimacy. It is concluded that projecting built spaces means to project life's casing: the human being gives meaning to architecture. Therefore, it is essential to project aware that spaces will also develop from inside out in a shared work between the designer and the inhabitant, under the intent of truly constructing a dignified and particular home.

**Keywords:** Architecture; Phenomenology; The Nove de Julho Occupation

## 1. INTRODUÇÃO

“Contra tudo e contra todos, a casa nos ajuda a dizer: serei um habitante do mundo, apesar do mundo.” Assim Bachelard (2008, p. 62), na sua obra *A Poética do Espaço* – seu trabalho que aplica a fenomenologia ao espaço, que será aqui, principal referência dessa filosofia -, introduz a magnitude da relevância da casa, nossa intimidade protegida. Saídos do útero, habitamos nossos corpos, passamos prontamente aos colos dos nossos familiares e então, temos na casa nossa primeira habitação externa ao eu. Nosso intermédio primeiro com o mundo se dá através do lar. Ele media e estrutura nossa existência desde o princípio; é coadjuvante no enfrentamento do cosmos.

À arquitetura – consequentemente, à casa – é reservada a função social de reduzir a escala do tempo e do espaço às medidas humanas, tornando-os compreensíveis e, por conseguinte, habitáveis. Somos incapazes de habitar o caos aterrador da eternidade do tempo e da imensidão amórfica do espaço natural, ambos precisam receber significados próprios, serem domesticados – do latim *domus*, que significa “casa” – objetivando nos acolher enquanto seres humanos. (PALLASMAA, 2017)

“A noção de lar se estende muito além de sua essência e seus limites físicos. Além dos aspectos práticos de residir, o ato de habitar também é um ato simbólico que, imperceptivelmente, organiza todo o mundo do habitante. Não apenas nossos corpos e necessidades físicas, mas também nossas mentes, memórias, sonhos e desejos devem ser acomodados e habitados. Habitar é parte do nosso próprio ser, da nossa identidade.” (PALLASMAA, 2017, p. 8)

São inúmeras as incumbências de um lar em sua essência, contudo, existe um processo de decadência dessas dimensões suplementares que será aqui abordado a partir de duas questões identificadas: o Movimento Moderno e as lógicas mercadológicas imobiliárias.

O Modernismo, a fim de sanar questões que receberam grande relevância para o período entreguerras – dado o decorrente déficit habitacional acumulado e a necessidade da reconstrução de uma Europa devastada – acabou por sobrepor o pragmatismo, o positivismo e o higienismo em detrimento de outros aspectos fundamentais ao espaço. É também consagrada uma busca pela concepção de moradias cuja funcionalidade se equiparasse ao Maquínico. Modulações rígidas são trabalhadas à exaustão, todavia imateriais acerca da organização do espaço, além de investigações de natureza anatômica, profícuas até determinada medida, mas que a extrapolam, buscando, a partir daí, a concepção de espaços considerados mínimos para o desempenho da vida – como é o caso da Cozinha de Frankfurt.

É inaugurado na arquitetura, assim, um processo que Pallasmaa (2017) diagnostica como “perda de empatia pelo habitante”. Um achatamento do espectro da arquitetura aos dois elementos da máxima: Forma e função. Demasiadamente vinculado às dialéticas internas do meio, alheias e negligentes ao que de fato dá propósito aos recintos do homem e os diferenciam da escultura: seus habitantes.

Levando esta conjuntura em consideração, a fenomenologia é trazida como referência de análise espacial como hipótese de um retorno do zelo pelas dimensões metafísicas do lar no ato de projetar, bem como tem-se na Ocupação 9 de Julho um exemplar de espaço intensamente habitado, associado a esta filosofia. É posto, então, como problema da presente pesquisa: Quais são os possíveis aprendizados que poder-se-ão apreender da experiência nesse objeto de estudo, tendo como referência de análise do espaço a fenomenologia? Ademais, de maneira complementar, como incitado por Iñaki Ábalos (2008, p. 107) a partir do entendimento de que o autor usa como alegoria da “casa fenomenológica” um casarão de férias: “O quanto desta atitude preguiçosa e sensual das férias, desse momento de plenitude, ainda se fictício, poderíamos transladar à cidade, à casa, ao cenário de nossa intimidade cotidiana?”.

O objetivo central é aproximar-se da conjuntura extraordinária compreendida pela Ocupação 9 de Julho com a finalidade de investigar seus aspectos suplementares relacionados a uma habitação cujas dimensões situam-se além do estritamente necessário numa tentativa de resgate de projetar o morar desejado; a ontologia da arquitetura. Para isso, serão elencadas nos seguintes capítulos categorias de análise a fim do estabelecimento de uma metodologia mais concreta para a realização desse estudo. De forma complementar: gerar uma discussão em torno do que pode ser apreendido sob a fenomenologia como referência de análise dentro do campo da Arquitetura.

## **2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO**

### **2.1. ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DO ESPAÇO**

“A fenomenologia é o estudo das essências [...]. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. [...] É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1)

A Fenomenologia emerge a partir de uma crítica ao conhecimento que se dá pelo pensamento natural, atentando à sua negligência quanto às dificuldades de atingir “as coisas em si”. Propõe-se, na obra “A Ideia da Fenomenologia” de Edmund Husserl, ser um “conhecimento atinente às próprias coisas”, uma “doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento.” (HUSSERL, 1958, p. 22)

“Eu não sou um “ser vivo” ou mesmo um “homem” ou mesmo “uma consciência”, com todos os caracteres que a zoologia, a anatomia social ou a psicologia indutiva reconhecem a esses produtos da natureza ou da história – eu sou a fonte absoluta; minha experiência não provém de meus antecedentes, de meu meio físico e social, ela caminha em direção a eles e os sustenta, pois sou eu quem faz ser para mim (e portanto ser no último sentido que a palavra possa ter para mim) essa tradição que escolho retomar, ou este horizonte cuja distância em relação a mim desmoronaria, visto que ela não lhe pertence como uma propriedade, se eu não estivesse lá para percorrê-la com o olhar.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3-4)

Essa filosofia tem o sujeito como centro e a partir da percepção dele é que se dá o mundo. A fim de se atingir uma percepção mais aguçada das coisas “em si mesmas”, faz uso da suspensão, a *apojé*, proveniente do pensamento husseliano, que consiste na técnica de intensificação do fenômeno em que se suspende o tempo e as questões pertinentes ao lugar; uma forma de isolamento da consciência frente ao fenômeno que, por fim, têm-se sujeito e objeto que se constituem a si mesmos. (ÁBALOS, 2008)

Pallasmaa (2017) trata de um saber silencioso coletado pela extensão do corpo em sua integridade, na união de todos os seus sentidos. O corpo está no mundo e através dele que nos relacionamos com o nosso entorno: assim tocamos a dimensão espacial. Onde acontece a repercussão do contato com o espaço na vida humana, de forma a abranger a influência do espaço construído na nossa espécie. Dentro da Fenomenologia, essa interface se dá de forma intensa e pura. Iñaki Ábalos (2008) sintetiza a dimensão espacial como sendo uma malha tridimensional de microcosmos, o aparecimento de um conglomerado inusitado, com presença, sentido e intencionalidade, onde não se é possível identificar organizações hierárquicas ou funcionais que justifiquem sua forma e, em vista disso, atinge-se a experiência em seu estado mais genuíno.

“A arquitetura autêntica é sempre sobre a vida. A experiência existencial do ser humano é o primeiro objeto da arte de construir.” A partir da citação de Pallasmaa (2017, p. 38) é suscitada a importância de aplicar à arquitetura uma filosofia que tem o sujeito como fonte absoluta da experiência e que, através de um contato ingênuo

com o entorno, tenha devolvida a unidade natural deste com a vida, para mais, com a dimensão da empatia entre espaço construído e usuário.

Diante dessa filosofia, coloca-se a casa como primeiro invólucro do sujeito: “A arquitetura resulta do ato de habitar e, por conseguinte, suas imagens primordiais são identificadas mais facilmente na casa, a moradia humana.” (PALLASMAA, 2017, p. 103) Por intender se aproximar do sujeito e colocá-lo em uma posição central, esta pesquisa tem foco no âmbito doméstico – este que mais se aproxima da alma dos homens: “Todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa.” (BACHELARD, 2008, p. 200). Como é afirmado e reafirmado por autores como Bachelard (2008), quando trata da casa como “um estado de alma”, que fala de uma intimidade, ou Pallasmaa (2017) na ocasião em que trouxe o “ponto ômega” dos escritos de Teilhard de Chardin, um ponto “a partir do qual o mundo pode ser visto corretamente como um todo.” Para dizer que, se existe ponto similar em nosso planeta, este seria, sem dúvida alguma, o lar.

“Não apenas as nossas lembranças, mas também os nossos esquecimentos estão aí ‘alojados’. Nosso inconsciente está ‘alojado’. Nossa alma é uma morada. E quando nos lembramos das ‘casas’, dos ‘apartamentos’, aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos. Vemos logo que as imagens da casa seguem nos dois sentidos: estão em nós assim como nós estamos nelas.” (BACHELARD, 2008, p. 197)

A Fenomenologia, por todos os seus atributos anteriormente pontuados, é empregada na pesquisa sob o intuito de voltar à ontologia da Arquitetura, reconectar-se às ligações antropocósmicas e debruçar-se sobre o resgate da ideia de lar onde revivem-se fixações de felicidade, um retorno a essa materialização da psique, o não eu que protege o eu.

## 2.2. A EXPERIÊNCIA DA OCUPAÇÃO 9 DE JULHO

A Ocupação 9 de Julho acontece em um edifício projetado pelo arquiteto e engenheiro Jayme Fonseca no início dos anos 1940. Tinha como programa inicial um uso misto: uma agência do INSS (instituto Nacional do Seguro Social) e moradia. Era setorizado entre os pavimentos inferiores, destinados ao serviço público, e os demais para habitação dos funcionários da própria agência – 14 pavimentos no total. Nos anos 1970 o edifício entrou em decadência e foi finalmente abandonado, do mesmo modo que permaneceu por cerca de 40 anos, mesmo que, desde 1997 este prédio tenha sido foco de um ciclo de tentativas de ocupação e despejos. (MEDRANO; RECAMÁN, 2020)

Em 2016, o MSTC (Movimento Sem-Teto do Centro), movimento de luta por moradia, iniciou seu processo de ocupação. Através das ações promovidas em coletividade por seus moradores e integrantes do movimento, o edifício passa a ser habitável novamente e, assim, moradia para mais de 120 famílias – cerca de 500 pessoas –, outrossim, suplanta em muita essa condição: Passa a acomodar uma diversidade de programas comuns como salas de reuniões, refeitório, horta, biblioteca, marcenaria, quadra poliesportiva, brinquedoteca, brechó, salas de aula, e outros espaços multiuso. É palco de luta e, por conta disso, um instrumento de regeneração cívica. Se abre para a cidade, através da galeria Reocupa, da sua cozinha que, durante a pandemia, promoveu entregas de marmita e, em tempos não-pandêmicos era aberta ao público uma vez ao mês; abre suas portas para os cidadãos que necessitam morar em uma ocupação e estão dispostos a lutar pela causa, torna-se um lugar de aceitação incondicional da condição humana que promove espaços de afeto, de vida plena além da necessária. (SANCHES; STEVENS; PIOTTO, 2019)

Por conta do alcance pandêmico do Covid-19, não se faria prudente a visita ao local que se objetivava realizar inicialmente. Para que nenhum envolvido seja posto em risco, foi realizada uma pesquisa por reportagens em mídias tradicionais e alternativas porém, estes, em sua maioria, vinculam-se mais intimamente com questões de cunho político, não abordando o espaço diretamente ou o sujeito não em sua coletividade, mas em sua particularidade, portanto optou-se por uma aproximação da experiência da Ocupação 9 de Julho, buscando ter o maior resgate possível através de 6 materiais audiovisuais de entrevista já existentes. Vistos aqui como de maior riqueza em detalhes por conterem, concomitantemente e diferentemente de materiais estritamente escritos, a fala e a imagem, para que assim se possa entrar em contato com distintas dimensões das pessoas e lugares aqui considerados.

A introdução à Ocupação será feita por uma breve fala da maior liderança do movimento, Carmem Silva, e os seguintes materiais possuem o propósito de “adentrar” a ocupação: Tem-se a visão do visitante a partir da fala do cantor, rapper, compositor e ator Criolo – Kleber Cavalcante Gomes –, gravada no evento de sua apresentação na 9 de julho. São elencados também depoimentos de crianças e adolescentes para que se obtenha um entendimento mais amplo da diversidade etária e circunstancial. Esses três primeiros materiais estão compreendidos em um universo de 2 anos para que se possa preservar sua atualidade, porém não são gravados em período de pandemia, por ter restringido e modificado as relações plenas com o espaço.

Logo, têm-se falas e imagens que ilustram o momento mais íntimo aqui abordado e, pelo impacto e relevância para a pesquisa: Que tem uma abordagem fenomenológica,

portanto do sujeito como centro, além de tratar da dimensão doméstica. Se faz possível ouvir pessoas habitando, falando de dentro de seus lares, e é realizada uma exceção em relação ao recorte temporal, trazendo o presente instrumento de aproximação datando de 2018: Entrevistas com mulheres residentes da ocupação, compartilhando suas experiências de dentro do ventre de sua intimidade, trazendo consigo e conformando o cenário que lhes dá fundo seus objetos de afeto.

Carmen Silva (MSTC... 2020) introduz a Ocupação 9 de Julho a partir de seu significado e repercussões na vida de seus moradores. A partir do entendimento da “moradia como porta de entrada para outros direitos, como educação, como saúde, como cultura, mobilidade. Quando o seu cidadão está bem com a sua moradia, ele pode de fato alcançar esses outros pilares.” Como também aborda a gestão “organizada e generosa” dentro da ocupação “aonde as pessoas mantêm os locais cheios de vida, reduzindo as condições de vulnerabilidade, vivendo compactualmente muito com o entorno, com a sociedade em geral.” A Ocupação traz a união da moradia com a arte e a cultura e assim, esta liderança começa a construir a imagem desse ambiente onde as pessoas compartilham seus saberes, esse local vibrante de troca. Diálogo que se estende de quem mora para outros cidadãos que não precisam morar em ocupações: “Esse é o legado da Ocupação 9 de Julho. É o legado de abrir suas atividades para a sociedade e esse é o perfil da cidade que a gente quer, a cidade inclusiva, onde todos possam viver bem.”

Como visão de quem visita, têm-se Criolo (CRIOLO... 2020): “São essas pessoas que estão reunidas em vários cantos do Brasil e do mundo, que pegam lugares que estão completamente abandonados e destruídos e trazem vida pra esse lugar, ... e conseguem fazer uma equação também, dentro das suas necessidades vitais, humanas.”. Inicia-se a construção do sujeito que habita o objeto de estudo. Quando aborda a aproximação feita para a realização do evento, o cantor fala de um jeito amoroso, carinhoso e solidário das pessoas que moram na ocupação. “Tem muita gente fazendo coisas boas, tem muitas pessoas lutando por aquilo que realmente importa. Tem pessoas resistindo e dando a sua vida pra manter esse mínimo que foi conquistado. É dessas pessoas que eu tenho orgulho. (...) Tô sendo realista, ao meu redor tem pessoas maravilhosas tentando transformar o mundo em um lugar melhor.” Tange-se o perfil dessa habitação coletiva onde o morar é construído continuamente de forma comunitária: “Quando você chega num lugar desse e vê toda a aula de cidadania que é oferecida à cidade, ... você vê as crianças brincando, sorrindo, você vê uma... uma vida, uma vida que nasce, que floresce no meio do caos... Eles é que são os porta-vozes da esperança.”

A entrevista conta também com a presença de Carmen e Preta Ferreira; nesta oportunidade, a líder do MSTC também contribui com a revelação dos sujeitos que conformam essa coletividade: “Eu não quero mais ser emparedada. Porque toda vez que a gente ocupa o espaço, a gente empareda, internamente, com vergonha. Agora é o contrário: quando a gente ocupa o espaço, a primeira providência é abrir as portas, a todo mundo, independente de cor, raça, religião, classe social, porque é dessa forma que a gente vai viver, se a gente não entender que a diversidade é que nos une, nós vamos todos morrer, cada um morrer sozinho.”. É levantada a diversidade bem como a plena aceitação de todas as pessoas que habitam esse espaço tornado, assim, glorioso. O que suscita também uma ausência de hierarquia: Uma organização coletiva horizontal que, por mais que saiba da existência uma regência bastante organizada, dispõe de uma atmosfera quase anárquica justamente por ter as responsabilidades habilmente distribuídas e pelos indivíduos serem bem representados através da garantia de voz. Ábalos (2008, p. 96) aborda esse aspecto da “casa fenomenológica” como “nessa imaginária casa natal, em que a convivência de muitos facilita a multiplicação e, conseqüentemente, a dissolução das hierarquias familiares cotidianas.”

Adiante tem-se o depoimento das crianças e adolescentes moradores da Ocupação 9 de Julho, retirados de uma entrevista oral gravada “Ocupação Nove de Julho – Depoimentos de Crianças e Adolescentes” (2020) - “Eu fico com a pureza da resposta das crianças”, como cantado por Gonzaguinha, aqui ganha significado a partir do momento em que se percebe como são genuínas as respostas em relação ao habitar nessa faixa etária, em especial as crianças menores, que respondem prontamente quais são os seus afetos dentro do edifício, qual é o seu lugar: “Meu nome é Christopher, aqui na 9 de Julho tem quadra, ainda bem, na outra casa não tinha... aqui tem duas quadras.”, assim são iniciados os depoimentos acerca do tema “como é morar em uma ocupação”, em seguida, o menino de cerca de 6 anos retoma suas atividades, perseguindo a bola na prezada quadra. “Meu nome é Maria Eduarda, eu tenho 9 anos e moro na Ocupação 9 de Julho e o que eu gosto mais de fazer é brincar na brinquedoteca.”

Distintivamente das crianças mais jovens, que de forma imediata e objetiva revelam seus locais amados – especialmente a estrutura comum do edifício – os adolescentes têm, em geral, mais consciência sobre a importância da ocupação como ato político, ademais, também dão enfoque aos programas comunitários que a ocupação oferece: “Eu acho, minha opinião, que a ocupação é muito legal. Se não fosse a ocupação, muita gente hoje estaria morando na rua. Eu gosto da ocupação porque lá tem muitas

oficinas, tem muitas coisas legais pras crianças fazerem, atividades, não só pras crianças, mas também pros adultos.” diz Fernanda, de 13 anos. Outros aspectos que recebem notável carinho por parte dos jovens residentes são a convivência com outras crianças, o espaço amplo para brincar, capoeira dentre outras danças, cabeleireiro, os eventos, as festas, a cozinha que se abre para o público; a celebração. Vitória (13 anos): “Eu amo morar aqui.” Vale aqui ressaltar a estrutura comum, não condominial, que a Ocupação 9 de Julho oferece, para além dos indícios de generosas casas de férias, possivelmente compreendidas dentro de condomínios, desveladas por Iñaki Ábalos (2008).

A abordagem que encerra esta aproximação da Ocupação 9 de Julho e, em especial, da relação entre morador e moradia, será trazida a série Guerrilheiras, integrante do conjunto de obras realizadas por Virginia de Medeiros (ALMA... 2018) no projeto Alma de Bronze. A artista teve a oportunidade de residir por três meses na Ocupação Hotel Cambridge, dentro do Programa de Residência Artística Cambridge e, como resultado de sua convivência com lideranças femininas da Frente de Luta por Moradia (FLM), do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), de São Paulo, pôde registrar o cotidiano de militância das mulheres do MSTC em uma série de fotografias e depoimentos por vídeo, apresentados na própria Ocupação 9 de Julho, na exposição Alma de Bronze (2018). Algumas perguntas serviram como guia para direcionar o diálogo, como “Você se considera uma guerrilheira contemporânea, uma mulher vitoriosa?” e “Qual é a sua ferramenta de força, de luta?”. O que faz com que esses depoimentos recebam especial relevância para essa pesquisa é que o retrato dessas mulheres é gravado junto aos elementos que estas consideram seu símbolo de força: sua casa, preenchida pelos seus objetos de afeto, suas memórias e histórias, os elementos que constituem a vivência ampliada do ser.

Os depoimentos serão aqui inaugurados por Leni Ferreira Lemes (54 anos): Leni fala sobre o orgulho e a dignidade recuperados através da casa, “Pra que se possa andar na rua de cabeça erguida.”, o que confessa não ser fácil. Para além do que é verbalmente declarado, as imagens quase ganham mais ampla voz: Leni já foi vítima de violência doméstica e preconceito por criar seus filhos sem um pai, também por ser negra. Através dos objetos de afeto que fundamentam sua casa, fazem desse lugar o lugar dela, esta reafirma sua cultura, sua origem ancestral através de uma luminária, bem como seu novo amor, e a inaugurada forma de amar com respeito, por meio do porta-retrato. Sua história está ali narrada, reiterada com uma nova força, um novo orgulho. Suas memórias estão ali alojadas, bem como suas conquistas. Sua vida se

expande até tocar e habitar seus objetos, o invólucro da complexidade da sua existência. Dignifica e protege essa existência.

**Figura 1** – Leni, residente da Ocupação 9 de Julho; **Figura 2** – Luminária registra cultura.



Fonte: Imagem retirada da série Guerrilheiras, integrante do projeto Alma de Bronze.

**Figura 3** – Detalhe do apartamento de Leni; **Figura 4** – Registros fotográficos em casa.



Fonte: Imagem retirada da série Guerrilheiras, integrante do projeto Alma de Bronze.

Em seguida, Marineide (38 anos), taxista e mãe de 6 filhos – o que impossibilitava o aluguel de um espaço suficientemente amplo para comportar toda a família em região central – trata do sonho de ter a moradia digna. Como pregava Heidegger (1951), “Só é possível habitar o que se constrói.” e “Construir já é em si mesmo habitar.”. Aqui, tem-se um exemplar prático dessa filosofia: “Aqui eu que pinteí tudo, a única coisa que eu não fiz foi elétrica e banheiro, mas eu que pinteí. Organizo, mudo, ...”, denotando o orgulho de habitar, de ter uma casa digna; bem como a dedicação consagrada a ela.

**Figura 5** – Marineide, residente da Ocupação 9 de Julho; **Figura 6** – Apartamento de Marineide; **Figura 7** – Quarto dos filhos de Marineide.



Fonte: Imagem retirada da série Guerrilheiras, integrante do projeto Alma de Bronze.

Em conclusão dos depoimentos aqui selecionados como arcabouço de impressões, Priscila Pâmela (28 anos), moradora da Ocupação 9 de Julho desde o primeiro dia de

ocupação (outubro/2016), fala sobre um episódio que será aqui ressaltado por refletir todo o afeto destinado à casa. Priscila fala verdadeiramente sobre “espaços louvados” como Bachelard (2008) acreditava ter de ser o lar. Priscila optou por continuar residindo em São Paulo quando a família se mudou para Santa Catarina. O que receberá enfoque será a visita de sua mãe e a forma com a qual ela narra esse evento: “Conheceu a minha casinha, conheceu o meu espaço.”. A jovem fala sobre o não eu que protege o eu, o ser protetor de sua intimidade que ela tem orgulho de ter construído, de ter preenchido com seus objetos de afeto.

Prossegue dizendo, na segunda visita da mãe, visto que na primeira existia apenas um colchão e uma sacola de roupas no quarto, gerando incompreensão por parte desta: “E ela voltar agora e ver tudo que eu fiz, sabe? Tudo que eu consegui. E eu poder falar pra ela, tipo, ah mãe, não é nada do que eu não aprendi, nada do que eu não vi, né? Na vida inteira. E eu fiquei muito feliz.”; um saber construir o morar que se aprende com o corpo sensível desde que se chega ao mundo, transmitido entre gerações. “E aí eu fiquei muito feliz dela vim e ver que eu fiz tudo isso aqui, tipo, sozinha. Que ela não tava entendendo como é que tava minha vida aqui, mas mesmo aqui com toda a dificuldade que eu tinha, com tudo que eu construí aqui sozinha, eu ainda ajudo ela. Então ela ficou muito orgulhosa e a gente fica feliz, né? Quando a gente dá orgulho pra quem a gente mais ama. (...) E a gente veio pra cá. Você olha aqui, o meu espaço, no meu canto, a gente... tá tranquilo.”. Prossegue falando sobre as relações entre a vizinhança: “Aqui todo mundo se conhece, e todo mundo aqui você pode bater ali no seu vizinho, tem um pouco de arroz, de açúcar, ... e as pessoas dá. Todo mundo é amigo, é família (...) o meu vizinho é meu irmão.” Conclui: “E eu sinto muito orgulho de morar aqui.”

**Figura 8** – Priscila, residente da Ocupação 9 de Julho; **Figura 9** – Apartamento de Priscila



Fonte: Imagem retirada da série Guerrilheiras, integrante do projeto Alma de Bronze.

**Figura 10** – Apropriação do apartamento de Priscila; **Figura 11** – Vasos de planta no lar.



Fonte: Imagem retirada da série Guerrilheiras, integrante do projeto Alma de Bronze.

### 2.3. OCUPAÇÃO 9 DE JULHO SOB A ÓTICA DA FENOMENOLOGIA

Tendo em vista o desenvolvimento metodológico da presente pesquisa, serão elencadas quatro categorias de análise que serão guia durante a pesquisa e aplicar-se-ão ao objeto de estudo, sendo estas:

#### 2.3.1. O SUJEITO QUE HABITA

O sujeito que habita e, portanto, dá vida aos espaços na Fenomenologia é o indivíduo livre e criativo, que conversa com os espaços de forma desinibida, de modo a estabelecer uma prazerosa intimidade em seus invólucros. Vive em uma desordem própria de um menino, permanente inocência infantil. Tecem um vínculo quase físico com os fenômenos: o sujeito fenomenológico faz seu o espaço, assim como o espaço se faz seu reflexo. (ÁBALOS, 2008)

“A luta por coisas boas é um movimento mundial. Existem pessoas aqui que nos encham o peito de amor, de esperança, de alegria. Que conseguem distribuir solidariedade, conseguem distribuir um bom ambiente. Talvez essa fala seja novidade, pra alguns: uma realidade que nasce daqui do coração dessas mulheres e de todas as pessoas que estão aqui nessa ocupação e de todas as pessoas que estão nas ocupações por todo o Brasil; talvez essa seja a grande novidade. Porque falar de assassinato e de perseguição, isso não é novidade, infelizmente. Só que isso já... isso já tá no olhar. Estamos vivendo um momento extremamente tenso, uma parte da sociedade está vivendo um momento extremamente tenso que a gente vive de tensão a vida toda, e o que a gente quer dividir com essas pessoas é a alegria de dizer que é possível, é extremamente possível e essa ocupação é prova disso.” “Essa e tantas outras ocupações e tantas outras ações ligadas ou não às ocupações, que acontecem por tantas e tantas décadas em todas as quebradas do Brasil.” (CRIOLO... 2020)

A partir do depoimento de Criolo sobre os moradores da Ocupação 9 de Julho – delimitado como ferramenta central aqui, porém contando também com as demais falas constadas – é traçado um paralelo entre a filosofia presentemente trazida e a realidade absorvida, alicerçada às falas anteriormente expostas: aplicando-se o perfil do “sujeito fenomenológico” traçado por Iñaki Ábalos (2008) aqueles que habitam a

ocupação gera, concomitantemente, similaridades e disparidades. As pessoas que lutam pela sua moradia, que desafiam o próprio Estado em um ato político de resistência ou mesmo de emergência, objetivando atrair o olhar do poder público para onde ele falta, todavia justamente onde este deveria estar, jamais poderiam ser designadas como “meninos rebeldes e caprichosos”. Não obstante, se relacionam com o olhar esperançoso da criança, lutam por um ideal que esperam ser atingível, desafiam aqueles que, injustamente, se colocam como seus superiores. Para dentro de sua casa, pode-se declamar que têm um contato ingênuo com o espaço, inclusive um gesto de *epojé*, uma vez que deram nova vida ao espaço que encontraram abandonado, desfigurado. Construíram um novo habitar nessa que jazia uma carcaça urbana.

“E essa chuva de... de ódio e... nesse ambiente total de provocar medo e angústia e depressão (...) isso é um planejamento que vem de séculos. Por mais difícil e doloroso que seja esse exercício de perceber que é possível e que você tem algo muito lindo dentro de você, que é extremamente transformador. Talvez falar disso seja a coisa mais agressiva que se possa falar. De pessoas que tentaram lhe tomar tudo, tentaram lhe tomar a alma e mesmo assim elas se reúnem e oferecem à cidade um tanto de dignidade e de propósito, de um bem maior que vai além, além das legendas. Isso é... isso é brutal.” (CRIOLO... 2020)

“Um indivíduo diante de si mesmo e do mundo, corpo sensível constituído através de sua experiência, vinculado, através da intenção, ao mundo e as coisas. Tal experiência realizar-se-ia mediante uma relação particular com cada espaço ou cada objeto – ‘intensidade’ seria a palavra que definiria esta relação.” (ÁBALOS, 2008, p. 94)

**Figura 12** – Luiza e Adriana em sua residência na Ocupação 9 de Julho.



Fonte: Imagem retirada da série Guerrilheiras, integrante do projeto Alma de Bronze.

### 2.3.2. A MATERIALIDADE E A PERCEPÇÃO

Iñaki Ábalos (2008) relaciona diretamente a materialidade à interação com o sujeito: como ela será percebida. Consiste em uma materialidade tátil: as texturas, a temperatura da cor refletida, a sonoridade dos ambientes serão os critérios que guiarão as escolhas pelos materiais. “Materialidade desinibida e sensual, mais própria da de um *bricoleur*, do que da de um engenheiro, mais tátil, do que tectônica.” (ÁBALOS, 2008, p. 100)

**Figura 13** – Estante de livros para retirada na Ocupação 9 de Julho; **Figura 14** – Quarto na Ocupação 9 de Julho, equipado com prateleiras.



Fonte: Imagem retirada do acervo pessoal de Igor Guatelli.

A materialidade se dá através do que é possível, do que está ao alcance, todavia, vem de encontro aos afetos, ao gosto, à alegria das cores quentes dos que as preferem. Numa espécie de colagem inusitada que realiza uma ação contínua de composição do espaço. É espontânea e desembaraçada, guiada pelas escolhas do corpo e de seus sentidos.

### 2.3.3. TEMPO: MEMÓRIA

A dimensão temporal é inserida na experiência fenomenológica através de suas faces instantânea, bem como rememorativa e da imaginação: movida não por qualquer anseio futuro ou pendência pretérita, mas fundamentalmente ambígua por situar-se, concomitantemente, de forma intensa nas experiências sensoriais do presente – tem intrínseca uma atualidade, novidade, Bachelard (2008) a intitula de “linguagem criança”, por conta desta não ter um saber prévio, decorre de uma consciência ingênua - bem como está intimamente conectada ao passado individual da memória, essencialmente relacionado à infância, a um arquétipo adormecido. Sobretudo, não tem uma relação causal com o passado: “O poeta não me confere o passado de sua imagem, e, no entanto, ela se enraíza imediatamente em mim.” (BACHELARD, 2008, p. 2)

Ao tocar o espaço, têm-se o tempo, bem como a memória, sintetizados nos objetos de afeto. Estes que marcam e são deixados como testemunhas do encontro do homem com o espaço nesse momento dialético entre mente e matéria. Que transvertem a casa no reflexo da própria identidade humana, de seu morador. Que nos diferenciam dos caçadores-coletores, que carregavam poucos utensílios, a partir do momento que nos enraizamos como humanidade no contexto da revolução agrícola, nossos objetos passaram a fazer parte da nossa cultura, do nosso jeito de viver e se relacionar com o mundo, assim como nossa cultura está ali consolidada nos nossos objetos. Estes que concediam força às mulheres anteriormente ouvidas aqui. (HARARI, 2018)

#### 2.3.4. CASA-MUNDO

Os limites tenuamente delimitados do espaço fenomenológico são sensíveis, conformam um “filtro emocional” que não define, deixa livre, permite e suscita trocas entre o interior e exterior, convida o externo para dentro enquanto alastra o interno para fora. Aqui a casa é um “ser entreaberto”, um contínuo limiar que faz perenes as trocas concomitantes à coordenação e acomodação das complexidades inerentes à espaços ricos no contexto dessa filosofia. Intensificam as relações entre o sujeito e o mundo, bem como da casa com seu entorno. (ÁBALOS, 2008)

Retomando a fala de Carmen Silva (CRIOLO... 2020) “Quando a gente ocupa o espaço, a primeira providência é abrir as portas, a todo mundo”: A Ocupação 9 de Julho é um ser entreaberto, posto que, simultaneamente, admite e acolhe em seu interior aqueles que a requerem, bem como abre-se para seu entorno, conversa com ele, intensifica sua relação com a cidade em uma “aula de cidadania”, como paragonado por Criolo. Dentro do primeiro ponto, tem-se o depoimento de Vitória (13 anos) (OCUPAÇÃO... 2021): “Quando os meus pais não tinham pra onde ir, não só a dona Carmen mas toda a equipe com ela nos deu a mão e a gente veio morar aqui.”, em paralelo com a história da própria líder (CRIOLO... 2020):

“E eu vim pra uma cidade como São Paulo com a fé e com a coragem pra não apanhar mais, com vergonha de permanecer no meu estado, e ao chegar aqui quem me salvou foi o coletivo, ter participado de um movimento social. Então mais do que justo é eu devolver amor. É, além de devolver amor, é devolver grito, é devolver voz.”

Em relação ao diálogo entre o edifício e a cidade, a Ocupação 9 de Julho é celebração. Dissolve seus limites com o território por intermédio da Galeria Reocupa e sua cozinha. Resguarda eventos de plena intensidade como apresentações musicais, festas juninas, dentre demais eventos culturais em geral. Além de conscientizar seus moradores sobre seus direitos como cidadãos, estreitando seus laços não só com o perímetro urbano que a cerca, mas com a cidadania.

Para além das categorias de análise, o presente complexo é a manifestação da apropriação de um espaço onde se busca não o morar necessário, mas o desejado. A expressão à olho nu do fenômeno que ali ocorre é a vida devolvida à construção, outrora inerte, apresentando-se como um volume morto na cidade e que, atualmente, abre-se para ela, convidando à entrada e à consciência da multiplicidade de microcosmos que ali dentro são cultivados. Onde floresce a vida de afetos, encantos e descobertas.

“No momento em que acrescentamos um clarão de consciência ao gesto maquinal, no momento em que fazemos fenomenologia esfregando um velho móvel, sentimos nascerem, sob o terno hábito doméstico, impressões novas. A consciência rejuvenesce tudo. Dá aos atos mais familiares um valor de começo. Ela domina a memória. Como é maravilhoso voltarmos a ser realmente o autor do ato maquinal! Assim, quando um poeta esfrega um móvel – mesmo que por intermédio de outrem -, quando com um paninho de lã, que aquece tudo o que toca, passa um pouco de cera aromática em sua mesa, ele cria um novo objeto, aumenta a dignidade humana de um objeto, integra o objeto no estatuto da casa humana.” (BACHELARD, 2008, p. 80)

Bachelard (2008) se refere a objetos e móveis domésticos, mas pode-se transladar o mesmo ideal de “aumentar a dignidade humana” de um objeto a um edifício quando este recebe novos usos, é colocada uma nova luz sobre os espaços que receberão novos programas para desfrute de seus moradores. É concedido ao espaço um “clarão de consciência ao gesto maquinal” quando não só este passa a resguardar funções inovadoras, mas é fundamentalmente e tem como precedente a sua própria ocupação. É integrado no estatuto da casa humana por ser reavivado em um processo de grande complexidade e demasiado trabalho braçal. Um gesto autoral de transformar um ambiente inerte em lar para tantas famílias. Como é narrado por Marineide, que já participou de uma série de mutirões (ALMA... 2018):

“Quando a gente entra, aí tem mais ou menos acho que 48 horas ou 3 dias pra resistir, pra polícia não entrar. E aí é onde a dona Carmen entra com as negociações. É a líder do movimento, que faz todas as negociações com a Prefeitura, com a COHAB, com o Ministério Público, ... Aí começa já a organizar, a ver energia, ver água, a fazer já os mutirões de limpeza, tirar tudo quanto é lixo, a varrer pra já começar a dar uma pintada ali, já pra dar uma clareada, porque quando entra é tudo muito sujo, entendeu? É muito lixo, tem que retirar. E aí vai só organizando. Tem a cozinha comunitária, de início, que só entra fogão, entra bujão, entra comida, porque três dias não pode ficar muito entra e sai... Aí depende da ação, que as vezes a polícia fica de plantão na porta e aí não pode entrar nada, então quando entra já tem que entrar com a comida, com fogão, com gás, entendeu? Aí é quando que entra que já tem que organizar água e luz pra já ir se

agilizando. Tem que entrar com a coberta, tem que entrar com roupa, pra já, se não puder sair, tem que ficar os três dias já na resistência.”

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A arquitetura autêntica é sempre sobre a vida. A experiência existencial do ser humano é o primeiro objeto da arte de construir.” (PALLASMAA, 2017, p.38) São constatados, a partir das falas dos moradores da Ocupação 9 de Julho aqui transcritas, o orgulho, o afeto, o carinho, os laços desenvolvidos entre morador e morada, precisamente por esta ter sido construída de dentro para fora, arquitetada pelos seus habitantes a partir de suas necessidades e desejos. Edifica-se segundo o corpo. Mais do que a escala humana, o ser humano é o norte.

“A casa fenomenológica constrói sua ideia de espaço através da excitação do ar, de uma ativação completa de sua aparente inércia. O espaço deixa de ser entendido como aquela extensão neutra própria do cientificismo cartesiano, e passa a ser um “ente habitado” por estímulos e reações, por vetores, por desejos e afetos que orientam, antecipam e dão sentido às coisas, e ao nosso corpo entre elas. Assim, a presunção de qualquer objetividade é anulada, em favor de uma presença protagonista, polarizada pela revelação dos fenômenos físicos em interação com a própria subjetividade.” (ÁBALOS, 2008, p. 97)

Jean-Paul Sartre (2008) enuncia: “Essências e fatos são incomensuráveis, e aquele que começa indagando a respeito dos fatos nunca chegará às essências... a compreensão não é uma qualidade vinda de fora da realidade humana; é seu próprio modo de existir.” Isto posto, a arquitetura deve se aproximar da memória supraindividual, da cultura, de modo a criar ambientes com os quais seja possível se identificar; traçar um paralelo com as questões que circundam nossa existência.

Reiterando que a Arquitetura se institui como 5ª Arte, temos que “o objetivo da arquitetura é emoldurar, estruturar e dar sentido ao nosso ser-no-mundo.” Tem papel de ampliar-se à dimensão que habita os espaços construídos, o que está além da habilidade técnica demandada para concretizá-los. Tem a incumbência de resguardar valores que transgridam o utilitarismo, visto que a arte tem a competência e o dever de garantir a autenticidade da experiência humana – o faz através do reconhecimento de nosso âmago biológico e cultural, de tudo aquilo que é compartilhado pela humanidade e decorre de sua experiência. (PALLASMAA, 2017)

“Se formos até o limite em que o sonho se exacerba, sentiremos como que uma consciência de construir a casa com os mesmos cuidados que temos para conservá-la viva, para dar-lhe toda a sua claridade de ser. Parece que a casa luminosa de cuidados é reconstruída do interior. No equilíbrio íntimo das paredes e dos móveis, pode-se dizer

que tomamos consciência de uma casa construída por mulheres. Os homens só sabem construir as casas do exterior. Não conhecem a civilização da cera.” (BACHELARD, 2008, p. 80-81)

Dado o contexto histórico bastante díspar em que essa obra foi escrita, pode-se adotar esse pensamento de forma a adaptá-lo para a realidade presentemente tratada, levando em consideração questões anteriormente colocadas – como o distanciamento da capacidade de empatia com os habitantes dos espaços construídos – e traçar um paralelo entre o papel desempenhado pelos homens na citação e os arquitetos que têm sua empatia comprimida. Dessa maneira, o que aqui se questiona é a falta de conhecimento da “civilização da cera”, do “equilíbrio íntimo das paredes e dos móveis” e apontar para um caminho possível, uma hipótese e, acima disso, uma esperança de uma arquitetura que envolva a integridade do corpo sensível de cada um de seus habitantes, tanto por meio de um exemplo como a Ocupação 9 de Julho, quanto através de um olhar fenomenológico, um olhar que tenha seu foco voltado às pessoas.

#### 4. REFERÊNCIAS

ÁBALOS, Iñaki. **A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

ALMA de Bronze. São Paulo: Virginia de Medeiros, 2018. P&B. Disponível em: <https://vimeo.com/showcase/5683038>. Acesso em: 31 ago. 2021.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Tradução de: Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal.

CRIOLO na Ocupação 9 de Julho/MSTC. São Paulo: Agência Banto, 2020. (10 min.), P&B. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WlpTVkD7\\_Fk](https://www.youtube.com/watch?v=WlpTVkD7_Fk). Acesso em: 31 ago. 2021

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM Editores S. A., 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar**. In: SEGUNDA REUNIÃO DE DARMASAD, 2., 1951, Darmastad.

HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduções 70, 1958. Tradução de: Artur Morão.

MEDRANO, Leandro; RECAMAN, Luiz. Occupying the Inhabited Space: collective experiences and architecture in são paulo. **Rassegna di Architettura e Urbanistica: Vivere, abitare, condividere**, Roma, v. 161, maio 2020. Quadrimestal.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura.

MSTC Ocupação 9 de Julho (Carmen Ferreira). São Paulo: Diphusa Documentários e Entrevistas Avulsas, 2020. (3 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qxqsUPNoySw&t=3s>. Acesso em: 01 set. 2021.

OCUPAÇÃO 9 de Julho - Depoimento de Crianças e Adolescentes. São Paulo: Dramaturgia do Espaço, 2020. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LgmZ35IcBDE>. Acesso em: 06 set. 2021.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

SARTRE, Jean-paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Porto Alegre: L&pm, 2008. Tradução de: Paulo Neves.

SANCHES, Débora; STEVENS, Jeroen; PIOTTO, Marcelle. **Ocupações e Urbanismo Insurgentes: área central de são paulo**. 2019. Usp, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://sites.usp.br/icht2019/wp-content/uploads/sites/416/2019/07/OCUPAC%CC%A7O%CC%83ES-E-URBANISMO-INSURGENTES-a%CC%81rea-central-de-Sa%CC%83o-Paulo-.pdf>. Acesso em: 07 set. 2021.

**Contatos:** mvictoria\_f\_b@hotmail.com e lizetemaria.rubano@mackenzie.br